

O Brasil fala **africano**

Mostra no TCU mostra a influência negra no português do brasileiro

Por Mayariane Castro

O Tribunal de Contas da União (TCU) abre ao público a exposição “Línguas africanas que fazem o Brasil”, dedicada a mostrar como idiomas de matrizes africanas influenciaram a formação do português e da cultura no país.

A mostra, com curadoria do músico e filósofo Tiganá Santana, integra as ações do Mês da Consciência Negra e estará aberta até 18 de janeiro de 2026, com visitação gratuita todos os dias, das 9h às 18h, no Centro Cultural TCU, em Brasília.

Realizada em parceria com o Museu da Língua Portuguesa, a exposição reúne obras, objetos e projeções que evidenciam a presença de idiomas como quimbundo, quicongo, umbundo, iorubá e fon

na construção da língua falada no Brasil. O projeto tem patrocínio do Banco do Nordeste do Brasil (BNB) e apoio do Sindilegis.

Instalada na Galeria Marcantonio Vilaça, a mostra propõe uma imersão no processo de formação linguística do país e orienta o visitante ao reconhecimento da contribuição africana para a história brasileira. Segundo o TCU, a iniciativa visa contextualizar o impacto desses idiomas no vocabulário, na pronúncia e na estruturação de pensamentos presentes no português brasileiro.

O conteúdo destaca que palavras amplamente usadas no cotidiano, como “fofoca”, “caçula”, “moleque” e “marimondo”, têm origem africana, embora muitas vezes não sejam associadas ao continente.

Da “fofoca” ao “axé” e o “**acarajé**”

Linguagem é importante elemento da memória coletiva

Outras expressões, como “axé” e “acarajé”, já são reconhecidas como provenientes de línguas africanas. A exposição reúne esses exemplos para indicar que o contato linguístico estabelecido ao longo dos séculos moldou maneiras de falar, agir e interpretar o mundo no território brasileiro.

Além da abordagem linguística, a mostra apresenta referências à presença africana em manifestações culturais brasileiras, como música, arquitetura

e festas populares. A exposição reúne obras de artistas como Aline Motta, Rebeca Carapiá, Antonio Obá, Dalton Paula, Goya Lopes e Leni Vasconcellos. Entre instalações, fotografias, esculturas, objetos, vídeos e telas, o conjunto organiza uma cartografia visual das palavras e do legado ancestral que compõe o tecido social do país.

Programa educativo

O Centro Cultural TCU



Exposição mostra que nem tudo o que falamos no Brasil é português

TCU



Agência Brasil

Mostra é parceria com o Museu da Língua Portuguesa

afirma que a exibição integra seu Programa Educativo, voltado à promoção de ações de mediação cultural, oficinas, formações e conteúdos acessíveis. O objetivo é ampliar a formação de públicos diversos, com atenção especial a estudantes e comunidades do Distrito Federal.

As visitas mediadas podem ser agendadas e buscam apro-

ximar o público do processo de construção histórica que resultou nas dinâmicas atuais da língua portuguesa no Brasil.

De acordo com os organizadores, a exposição reforça o papel da linguagem como elemento de memória coletiva. O conjunto de obras e materiais selecionados apresenta diferentes formas de registro e interpreta-

ção da presença africana, evidenciando como idiomas e práticas culturais foram incorporados ao cotidiano brasileiro, muitas vezes sem o devido reconhecimento de suas origens.

Força e riqueza

A artista plástica Leni Vasconcelos complementa sobre a influência africana nas expressões diversas do Brasil. “A África me mostrou a força e riqueza dos saberes, formas sofisticadas de representação dos pensares dos seus povos. Uma trajetória inquecível que resultou em obras capturadas numa troca intensa de vivências, recebendo, com generosidade, a exuberância das suas maneiras de se expressar. Impressionada pela vastidão das expressões fortes, nas formas, nas cores vivas, nos sorrisos que muitas vezes contrastam com a realidade da sofrida história do continente. Um verdadeiro mergulho na riqueza da africanidade em nós”.